



# Caderno 2

Em linhas  
mais que gerais

Três grandes obras  
discutem arquiteturas  
moderna e clássica

Pág. C8

Camila Molina

“Para não fugir da minha seara, minha obra preferida do MAC é o prédio”, diz o arquiteto Hugo Segawa, de 58 anos, na passarela que, sobre a Avenida 23 de Maio, liga a atual sede do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo ao Parque do Ibirapuera. Desde maio de 2014, quando o professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP assumiu a direção da instituição, cujo acervo é dos mais ricos da América Latina – entre cerca de 10 mil peças, destaca-se, por exemplo, o único autorretrato do pintor Amedeo Modigliani, de 1919 –, sua atuação tem sido lidar com uma “nova realidade”. Estabelecer uma relação diferente com a metrópole, fora do Campus, além de enfrentar os reflexos da crise vivida pela USP são, afinal, os maiores desafios do diretor do MAC até 2018, fim de sua gestão.

“Saímos de um edifício de 3 mil m<sup>2</sup> (na Cidade Universitária) para 30 mil m<sup>2</sup>”, afirma o arquiteto, referindo-se à área total do complexo da instituição, que tem como principal elemento o prédio de oito andares projetado na década de 1950 por Oscar Niemeyer. Entretanto, nesse processo de transição para que todas as atividades do MAC concentrem-se no novo local – faltam reparos no espaço expositivo, de 12 mil m<sup>2</sup>, que começou a ser inaugurado, paulatinamente, em janeiro de 2012, e a conclusão da reserva técnica para a transferência da coleção –, o orçamento do museu, forçosamente, teve de diminuir. Como explica Segawa ao *Estado*, os departamentos da USP sofreram cortes de 20% a 30%, o que não foi diferente com a instituição museológica, que terá R\$ 7,3 milhões para 2015. “Nossa única fonte orçamentária é a universidade”, diz.

O setor de serviços terceirizados foi o mais cortado, conta o diretor. “Apesar da redução de funcionários, temos nos desdobrado para que a segurança seja uma prioridade”, esclarece Segawa. Atualmente, lembra, 1,6 mil obras estão expostas no museu – o que representa 10% de seu acervo. Outra necessidade para proteger as peças em exibição é a instalação de detectores de metal no edifício.

A escassez de recursos do MAC também reflete-se na obra da nova reserva técnica da instituição, por ora, parcialmente instalada. “Falta averiguar as condições técnicas do

## Diálogo com a cidade



Passarela. Segawa e o prédio do museu no complexo do Ibirapuera

### Hugo Segawa, diretor do MAC-USP, aponta novos desafios da instituição

#### PRÓXIMAS ATRAÇÕES

● **Fotografia e gravura:**

Serão inauguradas em 28/3 mostras do fotógrafo norte-americano Roger Ballen e dos gravadores Evandro Carlos Jardim e Goeldi.

● **A Casa:** Como parte do quadro de renovação das exposições do acervo do MAC, a instituição abre em 25/4 a coletiva *A Casa*, com curadoria de Katia Canton, e recebe no prédio anexo, em 28/4, a mostra da atual edição do Prêmio

marcante Vilaça.

● **América Latina:** Está programada para 30/5 a inauguração de grande retrospectiva de arte latino-americana com curadoria de Cristina Freire.

● **Koellreuter:** Mostra sobre o compositor será aberta em 1/8.

● **Nam June Paik:** O pioneiro da videoarte terá exposição de destaque a partir de 26/9. / C.M.



O museu de hoje não é mais uma caixa fechada, deve ser um espaço público”

Hugo Segawa,  
DIRETOR DO MAC

que está instalado, e seu mobiliário”, afirma o professor. Segundo seus cálculos, cerca de R\$ 5 milhões terão de ser destinados ao equipamento. “É fundamental terminar a reserva porque trazer as obras da cidade universitária para as exposições no Ibirapuera implica custos e seguros que obviamente são, nessa altura do campeonato, irracionais”, conclui. Como o projeto da USP é concentrar o MAC no complexo da área do parque paulistano, a transição da instituição para o local inclui desativar o edifício no Campus – e transportar as 20 esculturas de seu jardim; e a devolução do espaço do museu no pavilhão da Bienal.

**Estratégias.** No atual cenário do MAC-USP, a busca de patrocínios externos para as atividades do museu, que tem como prioridade expor seu acervo, é também necessária. “É desejável que tenhamos interface com produtores culturais pois temos agora espaço para nos abirmos para outras iniciativas, dentro de um espírito que caracterize o que é pesquisa, inovação”, diz Segawa. Sem recorrer ao que chama de exposições “blockbuster”, que fazem fila – “buscamos a produção de conhecimento”, o diretor cita iniciativas já engatilhadas de intercâmbio com outras instituições, como uma mostra vinda da Itália com



DIVULGAÇÃO

conjunto de obras de Nam June Paik (1932-2006), pioneiro da videoarte, prevista para setembro e a ser realizada em associação com a produtora Base 7. “É um artista que nos interessa, por sua trajetória, e seria uma exposição inédita no Brasil”. Outra atração nesse sentido está programada para 2016, o encerramento da turnê de uma grande exibição de

arte contemporânea belga feita em parceria com a embaixada da Bélgica (leia outros destaques no quadro).

A interdisciplinaridade – ou seja, a vontade de promover atividades em torno de áreas como a música (vale citar nesse campo a exposição que será aberta em agosto sobre o compositor Hans-Joachim Koellreuter), a arquitetura e o design – também é importante meta. “Na minha perspectiva, o museu contemporâneo é um espaço público que dialoga com a cidade”, afirma Segawa, já comemorando o aumento gradual de visitantes do MAC, que recebeu, no ano passado, 284.312 pessoas.

**Renovação.** ‘Grande Móbile Branco’, de Calder, estará na mostra ‘A Casa’



**NA WEB**  
Portal. Veja fotos do prédio e do acervo do MAC

[estadao.com.br/e/mac](http://estadao.com.br/e/mac)

## Como continuar a ser o “templo” da experimentação?

#### ANÁLISE

SHEILA LEIRNER  
CRÍTICA E CURADORA

Quando saiu o belo *Perfil de um Acervo*, livro primorosamente organizado por Aracy Amaral, com o qual colaborou em 1988, época em que Ana Mae Barbosa era diretora do MAC-USP, jamais teria imaginado que aquele museu – de certa maneira “intimista” mas fundamental na vida cultural e artística de três gerações – alcançaria o colosso do espaço em que se encontra agora, e a formação de uma das coleções modernas mais extraordinárias da América Latina.

Com apenas pouco mais de meio século, o MAC passa do campus e do pequeno “anexo” do prédio histórico, com forte personalidade, da Bienal, para um lugar autônomo de 12 mil m<sup>2</sup> que – como o pavilhão do Ibirapuera – também não foi originalmente projetado por Oscar Niemeyer para conter arte. E que, além de ainda se manter na memória dos paulistanos como local de vistoria e inspeção de veículos desde os anos 60, não está mais no verde e sim – apesar da rampa que o liga ao parque – categoricamente instalado na paisagem urbana de São Paulo.

Dentro destas novas condições, como dar continuidade à vida de uma instituição “eclesiástica” (cuja “Igreja” é a Universidade), manter a sua especificidade museológica, laços internacionais, função didática e criar a necessária competitividade com as instituições “laicas”? Como atrair e formar novos públicos? Como continuar a ser o “templo” da experimentação e da vanguarda que tão bem representou até hoje e sobretudo nos anos 70, quando foi dirigido pelo inesquecível professor Walter Zanini? Ele que não só nos fez descobrir a arte contemporânea como nos colocou

em contato com os grandes centros do mundo e seus principais atores.

Hugo Segawa, o novo diretor que sucede Lisbeth Rebollo Gonçalves e Tadeu Chiarelli nos anos 2000, tem uma vantagem e um desafio: a vantagem reside no fato de ser arquiteto, quando é com espaço e tempo que terá que lidar. O desafio está em solver, se possível de maneira também fenomenológica, intuitiva e humana, o dilema contemporâneo do “Fórum X Templo”, em que as atividades públicas coletivas – culturais, de lazer e consumo – devem coexistir com o silêncio da contemplação individual. Estender o papel da simples apresentação museográfica da coleção ou de exposições temporárias às práticas de uma instituição flexível.

O MAC tem agora a oportunidade de evoluir em ambiente versátil, onde as artes visuais possam interagir com outras áreas de criação como teatro, música, cinema, literatura, dança, e onde os artistas possam se sentir completamente “em casa”, graças à presença de ateliês, por exemplo. Deve ser pensado como um museu para a segunda metade do século 21, resolutamente dirigido à vídeo-arte, à

mídia-arte e às novas formas de comunicação pela web. Além de sua invejável coleção, deve se enriquecer, inclusive, de obras concebidas unicamente para internet.

O novo diretor possui a seu favor o espaço, representado pela possível neutralidade de um prédio artisticamente virgem. Ao contrário dos museus “de autor”, o novo edifício é livre. Talvez seja justamente o museu contemporâneo ideal, aquele que todo conservador pode almejar: maleável e polivalente; não se impõe como “modelo” arquitetônico.

O tempo, também a seu favor, é representado pela identidade que o MAC adquiriu desde os seus primórdios e que, ao contrário da maior parte dos museus brasileiros que conhecemos, não foi construída artificialmente, de cima para baixo, por meio de “boas intenções” ou da “ilusão da necessidade”. Através de suas diversas gestões, este museu fabricou a sua personalidade de acordo com as próprias vicissitudes. Sempre foi o artesão da própria existência. Tudo parece sinal de bom augúrio à nova era que se abre a ele.